



BRAZILIAN JOURNAL
of **SPORT PSYCHOLOGY**
& HUMAN DEVELOPMENT
BJSPHD

ATIVAÇÃO MOTIVACIONAL REATIVA: um modelo teórico de remobilização no desempenho esportivo

REACTIVE MOTIVATIONAL ACTIVATION:
a theoretical model of remobilization in sports performance

Marcos Alencar Abaide Balbinotti¹

RESUMO

A recuperação rápida de desempenho após um início desfavorável é comum no esporte, mas carece de delimitação conceitual específica. Este artigo propõe a Ativação Motivacional Reativa (AMR) como um processo psicológico situacional e transitório de remobilização após a percepção de um desempenho aquém do desejado, quando o atleta julga possível reverter o resultado ainda durante a tarefa. O modelo teórico apresentado descreve uma sequência funcional que envolve percepção de discrepância em relação à meta, avaliação de reversibilidade, crença de eficácia, ativação motivacional aguda e ajustes autorregulatórios guiados por feedback, culminando em melhoria subsequente de desempenho no mesmo episódio competitivo. O construto é diferenciado de traços motivacionais estáveis, resiliência, coping e momentum psicológico, por enfatizar uma variação rápida de estado desencadeada por um gatilho negativo específico. A partir do modelo derivam-se previsões observáveis e uma proposta preliminar de dimensões para futura operacionalização psicométrica. A AMR oferece, assim, um enquadramento teórico para investigar processos de recuperação durante a performance esportiva e orientar intervenções em momentos críticos da competição.

Palavras-chave: Ativação Motivacional Reativa; motivação no esporte; autorregulação; recuperação de desempenho; remobilização motivacional.

ABSTRACT

Rapid performance recovery after an unfavorable start is common in sport but lacks specific conceptual delimitation. This article proposes Reactive Motivational Activation (RMA) as a situational and transient psychological process of remobilization following the perception of suboptimal performance, when the athlete judges that the result can still be reversed during the ongoing task. The theoretical model describes a functional sequence involving perceived discrepancy from the goal, appraisal of reversibility, self-efficacy belief, acute motivational activation, and feedback-guided self-regulatory adjustments, culminating in subsequent performance improvement within the same competitive episode. The construct is

¹ Prof. Ph.D. Laboratoire de Méthodes Psychométriques et Expérimentales (LaMPE). Université du Québec à Trois-Rivières. Département de psychologie.

differentiated from stable motivational traits, resilience, coping, and psychological momentum by emphasizing a rapid state change triggered by a specific negative cue. From the model derive observable predictions and a preliminary set of dimensions for future psychometric operationalization. RMA thus provides a theoretical framework to investigate recovery processes during sport performance and to guide interventions at critical moments of competition.

Keywords: Reactive Motivational Activation; sport motivation; self-regulation; performance recovery; motivational remobilization.

1 INTRODUÇÃO

Fenômenos de recuperação rápida após um início malsucedido podem ser observados em diferentes domínios da vida cotidiana (retomar uma conversa após um início conflituoso, corrigir um prato mal preparado, reorganizar um texto que começou mal escrito ou recuperar o foco após uma decisão equivocada) e mais formal (exames escolares, apresentações artísticas, reuniões profissionais, entre diversos outros), mas tornam-se particularmente visíveis em contextos esportivos de desempenho sequencial, nos quais, após um resultado inicial aquém do esperado, alguns atletas exibem uma mobilização súbita de esforço, foco e engajamento capaz de alterar o curso da performance.

Apesar de sua frequência e relevância prática, esse tipo de remobilização intraepisódica ainda carece de delimitação conceitual precisa na literatura psicológica do esporte. Teorias motivacionais amplamente consolidadas explicam o engajamento e a persistência diante de desafios, como a teoria da autodeterminação (Deci; Ryan, 2000), a teoria da autoeficácia (Bandura, 1997) e os modelos expectativa–valor (Eccles; Wigfield, 2002), enquanto abordagens de coping descrevem processos de adaptação a situações adversas em contextos competitivos (Lazarus, 2000; Nicholls; Polman, 2007).

Contudo, essas perspectivas tendem a privilegiar disposições relativamente estáveis ou processos adaptativos mais amplos, não especificando diretamente um mecanismo breve e reativo capaz de transformar um início insatisfatório em mobilização imediata orientada à recuperação do desempenho.

Para caracterizar esse processo específico, propõe-se o construto de Ativação Motivacional Reativa (AMR), definido como um processo psicológico situacional e transitório de mobilização intensiva de recursos motivacionais após a percepção de desempenho aquém do desejado, desde que o indivíduo julgue plausível recuperar ou reverter o resultado enquanto a atividade ainda está em curso. Embora dialogue com modelos de autorregulação baseados na discrepância entre metas e desempenho (Carver;

Scheier, 1998), a AMR enfatiza o momento reativo e intraepisódico de remobilização motivacional. O objetivo deste artigo é delimitar conceitualmente a AMR, diferenciá-la de construtos motivacionais relacionados e propor um modelo teórico inicial de seus componentes e condições de emergência, com foco específico no contexto esportivo e em sua futura investigação empírica.

2 BASES MOTIVACIONAIS E LACUNA TEÓRICA PARA A COMPREENSÃO DA REMOBILIZAÇÃO APÓS O INSUCESSO INICIAL

Do ponto de vista teórico, as principais teorias motivacionais contemporâneas oferecem fundamentos importantes para compreender por que indivíduos podem intensificar seu engajamento após um resultado inicial insatisfatório. A teoria da autodeterminação destaca o papel da percepção de competência e de autonomia na sustentação do esforço diante de desafios (Deci; Ryan, 2000). A teoria da autoeficácia enfatiza que a crença na própria capacidade de produzir efeitos desejados influencia diretamente a quantidade de esforço investido e a persistência frente a dificuldades (Bandura, 1997).

Modelos expectativa–valor indicam que o engajamento aumenta quando o indivíduo atribui alto valor à meta e acredita ser possível alcançá-la (Eccles; Wigfield, 2002). No contexto esportivo, abordagens de coping e autorregulação descrevem como atletas ajustam pensamentos, emoções e comportamentos diante de eventos adversos durante a competição (Lazarus, 2000; Nicholls; Polman, 2007).

Em conjunto, essas perspectivas convergem para a ideia de que discrepâncias entre o desempenho atual e o resultado desejado podem desencadear ajustes ativos de esforço e estratégia, especialmente quando o indivíduo percebe possibilidade real de recuperação, em consonância com modelos de autorregulação baseados em feedback e correção de rumo (Carver; Scheier, 1998).

Contudo, tais abordagens não descrevem especificamente um processo motivacional agudo, focal e de curta duração que se instala no interior de um mesmo episódio de desempenho após um início malsucedido. É precisamente esse momento reativo de remobilização imediata que o construto de Ativação Motivacional Reativa busca isolar e descrever de forma própria, servindo como ponto de articulação entre essas bases teóricas gerais e uma dinâmica motivacional reativa própria de contextos competitivos.

3 CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONSTRUCTO AMR

A proposição da Ativação Motivacional Reativa (AMR) deriva da observação recorrente de um padrão de desempenho em tarefas sequenciais: após um início insatisfatório, alguns indivíduos apresentam uma melhora rápida e acentuada ainda dentro do mesmo episódio de ação. Esse padrão sugere não apenas persistência, mas a emergência de um estado motivacional qualitativamente distinto, desencadeada por uma discrepância percebida no desempenho. A formulação do construto segue uma lógica indutiva de construção conceitual, na qual regularidades empíricas observáveis orientam a criação de categorias explicativas teoricamente delimitadas (Goertz, 2006; Gerring, 1999). Esse processo pode ser descrito por uma sequência funcional mínima: (a) um desempenho inicial frustrante, (b) a avaliação cognitiva de que a tarefa continua aberta e passível de reversão, (c) uma mobilização aguda de esforço e foco e (d) um desempenho subsequente superior ao anterior.

A AMR organiza esses elementos sob uma categoria própria, distinta tanto da motivação basal quanto de construtos como coping, resiliência ou autorregulação geral, por se referir a uma remobilização específica, breve e intraepisódica. Sua proposição atende ao princípio de relevância prática e teórica de novos construtos psicológicos: responder a um fenômeno empiricamente reconhecível ainda não adequadamente sistematizado (AERA; APA; NCME, 2014). A escolha do termo ativação destaca o caráter dinâmico e transitório do fenômeno, entendido como uma elevação aguda de prontidão psicológica e engajamento frente a um evento negativo, em consonância com concepções de arousal e mobilização neuropsicológica associadas à preparação para a ação (Hebb, 1955; Lang, Bradley; Cuthbert, 1997). Não se trata de um traço estável, mas de uma mudança de estado desencadeada por uma discrepância percebida entre o desempenho atual e o resultado desejado.

O qualificativo motivacional indica que essa ativação é orientada a metas e à modificação intencional do curso da ação, e não apenas uma reação emocional ou fisiológica. Nesse sentido, a AMR insere-se nas tradições que definem motivação como direção, intensidade e persistência do comportamento orientado a objetivos (Eccles; Wigfield, 2002; Schunk, Meece; Pintrich, 2014; Deci; Ryan, 2000), enfatizando o redirecionamento ativo de energia psicológica para a recuperação do desempenho. Por fim, o termo reativa delimita o gatilho do processo: a ativação não surge espontaneamente, mas em resposta a um resultado inicial avaliado como insatisfatório.

Trata-se de uma reação funcional a uma discrepância entre estado atual e estado desejado, próxima aos mecanismos gerais de ajuste por feedback descritos em modelos de autorregulação (Carver; Scheier, 1998), porém focalizada no instante crítico de remobilização imediata dentro do mesmo episódio de performance. Assim, a AMR é concebida como um estado motivacional agudo e orientado à reversão de tendência, cuja especificidade reside na combinação entre gatilho negativo, avaliação de reversibilidade e mobilização intensiva de recursos para alterar o desfecho ainda em andamento.

4 CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA E DINÂMICA FUNCIONAL DA AMR

A Ativação Motivacional Reativa não surge diante de qualquer dificuldade inicial, mas depende de condições psicológicas específicas. O gatilho central é a percepção de um desempenho aquém do esperado combinada à crença de que o resultado ainda pode ser modificado. Quando a situação é avaliada como irreversível, a tendência é a desmobilização; quando há percepção de margem real de recuperação, pode ocorrer uma intensificação súbita de esforço e foco. Esse julgamento situacional aproxima-se dos processos de avaliação cognitiva de desafio e ameaça descritos em modelos transacionais do estresse (Lazarus, 2000) e das crenças de eficácia necessárias para sustentar o investimento de esforço adicional (Bandura, 1997).

Uma vez ativada, a AMR pode ser compreendida como um ajuste rápido orientado por discrepância entre estado atual e meta desejada, no qual sistemas de autorregulação modulam atenção, esforço e estratégia de ação (Carver; Scheier, 1998). Diferentemente de mudanças graduais de motivação, trata-se de uma transição abrupta de estado, marcada por aumento de intensidade comportamental e reorganização do foco atencional sobre os aspectos mais controláveis da tarefa. No contexto esportivo, esse processo dialoga com mecanismos de controle atencional e autorregulação do rendimento em situações de pressão (Baumeister, 1984; Beilock; Carr, 2001), porém descreve um efeito oposto ao colapso sob pressão: uma elevação funcional do desempenho após um início negativo.

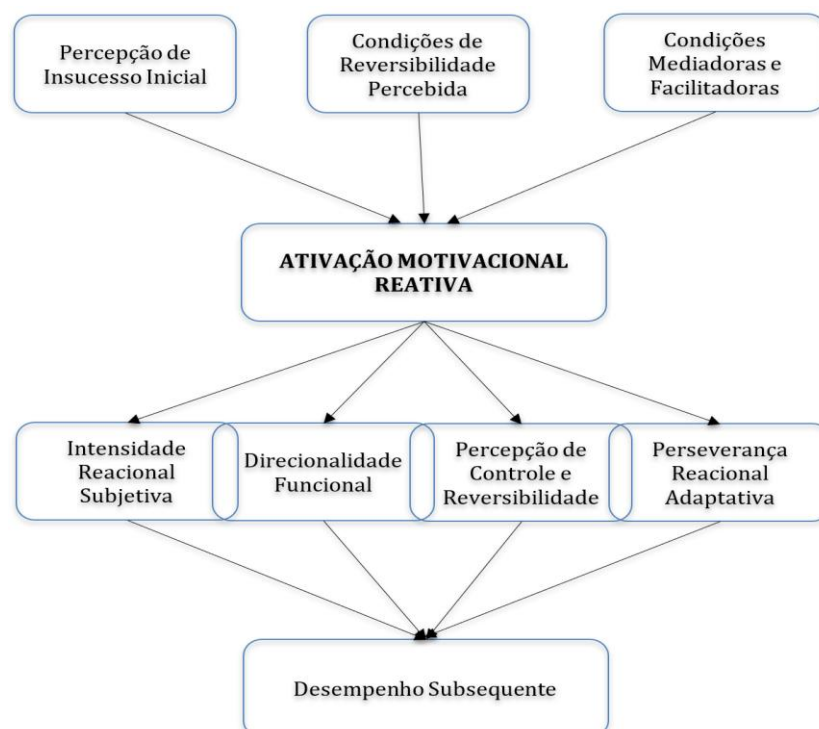
Do ponto de vista dinâmico, a AMR pode ser vista como uma tentativa de restabelecer coerência entre meta e ação por meio de uma mobilização concentrada de recursos psicológicos. Esse movimento envolve reavaliação rápida de prioridades, supressão de distrações e redirecionamento do esforço para indicadores imediatos de progresso, em linha com modelos de controle motivacional baseados em feedback (Eccles; Wigfield, 2002; Deci; Ryan, 2000). Seu efeito esperado não é apenas aumentar o esforço

bruto, mas otimizar sua direção, produzindo ganhos de desempenho proporcionais à percepção de possibilidade de reversão. Assim, a AMR representa uma dinâmica funcional de recuperação intraepisódica, dependente de avaliação de reversibilidade, crença de eficácia e ajuste autorregulatório rápido. Ela descreve o momento em que o insucesso inicial deixa de gerar desengajamento e passa a funcionar como catalisador de uma remobilização capaz de alterar a trajetória da performance.

5 MODELO TEÓRICO INTEGRATIVO DA AMR

A Ativação Motivacional Reativa pode ser compreendida como um processo sequencial de ajuste motivacional desencadeado por um insucesso inicial percebido em uma tarefa ainda em andamento. Esse processo não corresponde a um traço estável nem a uma simples persistência, mas a uma reorganização rápida e transitória do funcionamento motivacional diante de uma discrepância entre o desempenho atual e o resultado desejado. O modelo teórico integrativo proposto organiza esse fenômeno como uma cadeia funcional de avaliações e respostas interdependentes que ocorrem dentro do mesmo episódio de ação.

Figura 1 - Modelo teórico integrativo da Ativação Motivacional Reativa



Fonte: elaborado pelos autores, 2025

O ponto de partida é a percepção de insucesso inicial, isto é, a identificação de que o estado atual de desempenho se encontra aquém da meta pretendida. Essa discrepância atua como sinal de erro que interrompe a trajetória esperada e aciona processos de monitoramento e correção guiados por feedback (Carver; Scheier, 1998). A partir desse gatilho, o indivíduo realiza uma avaliação cognitiva rápida sobre a possibilidade de reversão da situação. Quando o cenário é percebido como ainda modificável, tende a emergir uma leitura de desafio; quando é visto como irreversível, prevalece a tendência à desmobilização (Lazarus, 2000). A avaliação positiva de reversibilidade cria a condição de possibilidade para a remobilização.

Nesse momento entram em jogo condições mediadoras e facilitadoras do processo, sobretudo as crenças de eficácia para alterar o curso da tarefa (Bandura, 1997). A expectativa de que o próprio esforço pode produzir mudança sustenta o investimento adicional de energia psicológica e comportamental. Essa passagem marca a transição para um estado de ativação motivacional aguda, caracterizado por aumento de prontidão para ação e intensificação dirigida do engajamento (Lang, Bradley; Cuthbert, 1997).

A intensidade dessa ativação é modulada por fatores motivacionais centrais. Quanto maior o valor subjetivo atribuído à meta e a expectativa de alcançá-la, maior tende a ser o redirecionamento funcional do esforço (Eccles; Wigfield, 2002). Esse movimento é favorecido quando a ação preserva percepção de competência e autodeterminação, sustentando formas mais autônomas de engajamento (Deci; Ryan, 2000). O efeito produzido não é apenas mais esforço, mas esforço mais bem orientado.

Uma vez ativada, a AMR se expressa por meio de ajustes autorregulatórios rápidos na execução da tarefa. O indivíduo reorganiza prioridades, suprime distrações e concentra recursos nos aspectos mais controláveis da ação, em ciclos curtos de monitoramento e correção contínua (Carver; Scheier, 1998).

Essa reorganização operacionaliza a ativação motivacional e cria as condições para mudança subsequente de desempenho ainda dentro do mesmo episódio. O encadeamento completo pode ser descrito como: percepção de insucesso inicial → avaliação de reversibilidade percebida → atuação de condições mediadoras e facilitadoras (crenças de eficácia, valor da meta, percepção de competência e autodeterminação) → ativação motivacional reativa → ajustes autorregulatórios rápidos → melhoria subsequente de desempenho.

A interrupção desse fluxo em qualquer etapa tende a reduzir ou impedir a emergência plena da AMR. Quando os componentes atuam de forma coordenada, definem um mecanismo específico de remobilização intraepisódica capaz de alterar a trajetória da performance enquanto a atividade ainda está em curso.

Em termos analíticos, os processos descritos no modelo podem ser traduzidos em dimensões observáveis do fenômeno de remobilização, permitindo a construção futura de indicadores empíricos sensíveis a variações motivacionais de curta duração. Essa passagem do nível mecanístico para o nível dimensional não altera a lógica sequencial proposta, mas oferece uma via de operacionalização que viabiliza a investigação sistemática da Ativação Motivacional Reativa em estudos empíricos.

6 APLICAÇÃO DA AMR AO CONTEXTO ESPORTIVO E IMPLICAÇÕES EMPÍRICAS

Em modalidades esportivas organizadas em pontos, tentativas, tempos ou etapas sucessivas, o desempenho final resulta da soma e da dinâmica de múltiplos momentos parciais. Nesses contextos, um início negativo não encerra a tarefa, mas redefine suas condições, mantendo aberta a possibilidade de reversão do resultado.

É nesse intervalo entre o insucesso inicial e o desfecho final que a Ativação Motivacional Reativa tende a assumir papel decisivo, operando como mecanismo de recuperação do rendimento dentro do próprio episódio competitivo. A aplicação do modelo da AMR ao esporte permite compreender por que alguns atletas transformam rapidamente uma sequência inicial desfavorável em trajetória ascendente de desempenho.

Quando a falha inicial é interpretada como reversível, crenças de eficácia sustentam um investimento adicional de esforço (Bandura, 1997), que se expressa em ajustes rápidos de foco, estratégia e execução guiados por feedback (Carver; Scheier, 1998). Esse processo resulta menos em “mais força” e mais em “melhor direção” do esforço, favorecendo ganhos progressivos de eficiência e estabilidade da performance. Sob essa perspectiva, a AMR gera previsões observáveis.

Após um segmento inicial insatisfatório, espera-se, nos casos em que a AMR emerge: (a) aumento subsequente de intensidade de esforço percebido, (b) maior estabilidade atencional, (c) redução de erros não forçados e (d) melhoria gradual de indicadores objetivos de desempenho ao longo do mesmo episódio competitivo.

Tais mudanças configuram um padrão de correção de trajetória compatível com modelos motivacionais baseados em metas e valores (Eccles; Wigfield, 2002) e com formas mais autodeterminadas de engajamento (Deci; Ryan, 2000).

Do ponto de vista metodológico, o estudo da AMR exige delineamentos intraindividuais, capazes de captar variações de estado ao longo de uma mesma tarefa. Comparações entre blocos iniciais e subsequentes de desempenho, análises de medidas repetidas e séries temporais curtas permitem identificar a transição entre um momento de queda e uma fase de recuperação dentro do mesmo episódio. Avaliações autorrelatadas de esforço e foco atencional podem ser combinadas a indicadores objetivos de desempenho e a medidas psicofisiológicas de ativação aguda, úteis para caracterizar a intensificação transitória da prontidão para ação (Lang; Bradley; Cuthbert, 1997).

Essa abordagem desloca o foco de diferenças estáveis entre atletas para processos dinâmicos que ocorrem dentro do próprio fluxo da competição. Em vez de perguntar apenas quem é mais motivado em geral, investiga-se quando e como a motivação é reativada após um insucesso parcial.

Tal perspectiva é coerente com concepções situacionais e contextuais da motivação e do engajamento (Deci; Ryan, 2000; Eccles; Wigfield, 2002) e amplia os modelos tradicionais de rendimento esportivo ao introduzir um mecanismo específico de recuperação funcional. Assim, aplicada ao esporte, a AMR fornece um enquadramento teórico para analisar viradas de desempenho como processos psicológicos identificáveis e mensuráveis, e não apenas como eventos fortuitos ou aleatórios.

Seu estudo empírico pode contribuir para compreender a variabilidade intraindividual do rendimento competitivo e abrir caminhos para intervenções voltadas ao fortalecimento de processos de remobilização em momentos críticos da performance.

Como primeiro passo rumo à operacionalização empírica do modelo, é possível descrever dimensões funcionais derivadas diretamente de seus componentes teóricos. Essas dimensões não constituem ainda uma escala validada, mas uma proposta exploratória destinada a orientar a construção futura de instrumentos sensíveis à remobilização motivacional intraepisódica.

Tabela 1 - Proposta preliminar de dimensões da Ativação Motivacional Reativa e exemplos de itens exploratórios

Dimensão	Descrição funcional	Exemplo de item exploratório
Intensidade Reacional Subjetiva (IRS)	Grau de ativação emocional e foco interno após perceber o fracasso inicial	“Senti uma urgência imediata de tentar virar a situação.”
Direcionalidade Funcional (DF)	Capacidade de redirecionar o foco e reorganizar estratégias	“Mudei rapidamente minha forma de agir para tentar melhorar.”
Perseverança Situacional Adaptativa (PSA)	Manutenção do engajamento ativo e persistente após o insucesso	“Continuei investindo esforço até o final, mesmo após ter começado mal.”
Percepção de Controle e Reversibilidade (PCR)	Crença de que ainda era possível melhorar o resultado	“Acreditei que ainda havia tempo para reverter a situação.”

Fonte: elaborado pelos autores, 2025

Cada dimensão poderia ser inicialmente representada por quatro a seis itens, totalizando um conjunto preliminar de 16 a 24 indicadores. Estudos futuros com análise fatorial exploratória e modelagem confirmatória permitirão testar e refinar essa estrutura, eliminando itens redundantes e avaliando a adequação dimensional do construto em diferentes contextos esportivos. Uma primeira versão experimental de um instrumento baseado nessas dimensões encontra-se atualmente em desenvolvimento e será objeto de investigação psicométrica específica em trabalhos futuros, com o objetivo de avaliar suas propriedades de validade, precisão e sensibilidade a variações motivacionais intraepisódicas.

7 DELIMITAÇÃO CONCEITUAL, CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS

A proposição da AMR desloca o foco explicativo do desempenho esportivo de disposições relativamente estáveis para processos dinâmicos que ocorrem ao longo do próprio episódio competitivo. Essa mudança aproxima-se de abordagens autorregulatórias baseadas em feedback e correção contínua de discrepâncias entre estado atual e meta desejada (Carver; Scheier, 1998) e de concepções situacionais da motivação que enfatizam variações contextuais de engajamento (Deci; Ryan, 2000; Eccles; Wigfield, 2002).

Em vez de perguntar apenas por que alguns indivíduos tendem a ser mais motivados em termos gerais, o construto dirige a atenção para quando e como ocorre uma remobilização após um início desfavorável, em resposta a condições específicas do desempenho em curso. Essa perspectiva exige distingui-la de conceitos tradicionalmente associados à superação de dificuldades.

A AMR não corresponde à resiliência, entendida como capacidade relativamente duradoura de adaptação positiva frente a adversidades ao longo do tempo (Masten, 2001; Fletcher; Sarkar, 2012). Também não se confunde com coping, que envolve repertórios amplos de enfrentamento cognitivo e emocional diante de demandas avaliadas como estressoras (Lazarus; Folkman, 1984; Lazarus, 2000). Enquanto esses construtos descrevem padrões ou estilos mais gerais de adaptação, a AMR refere-se a uma reorganização motivacional pontual que incide diretamente sobre a execução imediata da tarefa.

Do mesmo modo, a AMR não equivale a níveis globais ou traços estáveis de motivação. Modelos motivacionais clássicos mostram que crenças de eficácia, valores atribuídos à meta e qualidade da autodeterminação influenciam o engajamento de forma relativamente consistente entre situações (Bandura, 1997; Deci; Ryan, 2000; Eccles; Wigfield, 2002). A AMR, contudo, descreve uma variação de estado dependente de um gatilho negativo específico e de uma avaliação situacional de possibilidade de reversão, funcionando como ajuste rápido dentro do fluxo da ação, em consonância com modelos de autorregulação situacional (Carver; Scheier, 1998).

No contexto esportivo, a AMR também se distingue de descrições fenomenológicas como momentum psicológico ou “viradas” de desempenho. A literatura sobre momentum descreve padrões de mudança percebida ou real no rendimento competitivo (Iso-Ahola; Dotson, 2014), mas não especifica o mecanismo psicológico que os produz. A contribuição da AMR é oferecer uma explicação processual ancorada em avaliação cognitiva da situação (Lazarus, 2000), crença de eficácia para mudança (Bandura, 1997) e ciclos de correção guiados por feedback (Carver; Scheier, 1998), capazes de sustentar uma alteração efetiva da trajetória da performance enquanto a competição ainda está em andamento.

Essa delimitação permite explicitar as principais contribuições do construto. Em primeiro lugar, a AMR introduz um mecanismo específico de recuperação durante o próprio episódio competitivo, destacando variações de estado dentro de um mesmo evento competitivo.

Em segundo, organiza em um modelo único processos já descritos na literatura motivacional, como avaliação cognitiva da situação (Lazarus, 2000), crenças de eficácia (Bandura, 1997), regulação por metas e valores (Eccles; Wigfield, 2002; Deci; Ryan, 2000) e ciclos de correção baseados em discrepância (Carver; Scheier, 1998). Em terceiro, transforma a noção intuitiva de “reagir após errar” em um objeto teórico explícito e potencialmente mensurável.

Por tratar-se de uma formulação teórica inicial, o modelo abre um conjunto de questões empíricas. Investigações futuras precisam desenvolver estratégias de medida sensíveis a variações rápidas de estado e delineamentos capazes de comparar segmentos sucessivos de desempenho dentro da mesma tarefa. Testes do encadeamento proposto pelo modelo, examinando se avaliações situacionais e crenças de eficácia antecedem mudanças mensuráveis de foco, esforço e rendimento subsequente, constituem passo decisivo para sua validação.

Também será importante verificar em que medida o processo se mantém ou se modifica conforme a modalidade esportiva, o nível de expertise e as características do contexto competitivo. Delimitada como um mecanismo específico de remobilização situado, a AMR propõe uma nova lente para analisar momentos críticos de recuperação no esporte. Explorar empiricamente esse processo pode ampliar a compreensão da variabilidade intraindividual do desempenho e fundamentar intervenções voltadas ao fortalecimento de respostas de recuperação em momentos decisivos da performance.

8 CONCLUSÃO

Este artigo propôs a Ativação Motivacional Reativa como um mecanismo psicológico específico de remobilização após um início desfavorável em tarefas ainda em andamento. Ao integrar, em um modelo único, processos de avaliação da situação, crença de eficácia, mobilização intensiva de recursos e ajuste autorregulatório, o construto desloca a explicação de mudanças súbitas de desempenho de um plano meramente descritivo para um plano mecanístico e teoricamente estruturado. Essa proposta introduz uma nova unidade de análise para o estudo da motivação no esporte: as variações motivacionais de estado que ocorrem ao longo do próprio episódio competitivo. Em vez de tratar o rendimento apenas como expressão de disposições relativamente estáveis, o modelo evidencia como um insucesso parcial pode atuar como gatilho de reorganização funcional capaz de alterar a trajetória da performance.

O modelo gera previsões claras e testáveis sobre mudanças subsequentes de esforço, foco e desempenho e permite uma tradução preliminar de seus componentes em dimensões observáveis do processo de remobilização. Essa estrutura dimensional abre caminho para o desenvolvimento e a validação futura de instrumentos sensíveis a variações motivacionais de curta duração e adequados à investigação intraindividual em contextos esportivos reais. Investigar empiricamente a Ativação Motivacional Reativa pode ampliar a compreensão da variabilidade momento a momento do rendimento competitivo e fundamentar intervenções voltadas ao fortalecimento de respostas de recuperação em situações críticas da performance. Assim, o construto oferece não apenas uma nova forma de descrever viradas de desempenho, mas um enquadramento teórico que permite estudá-las de modo sistemático, cumulativo e empiricamente verificável.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION; AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION; NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION. **Standards for educational and psychological testing**. Washington, DC: American Educational Research Association, 2014.
- BANDURA, A. Self-efficacy: the exercise of control. New York: W. H. Freeman, 1997.
- BAUMEISTER, R. F. Choking under pressure: self-consciousness and paradoxical effects of incentives on skillful performance. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 46, n. 3, p. 610–620, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.3.610>.
- BEILock, S. L.; CARR, T. H. On the fragility of skilled performance: what governs choking under pressure? **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 130, n. 4, p. 701–725, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1037/0096-3445.130.4.701>.
- CARVER, C. S.; SCHEIER, M. F. **On the self-regulation of behavior**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174794>.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227–268, 2000. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01.
- ECCLES, J. S.; WIGFIELD, A. Motivational beliefs, values, and goals. **Annual Review of Psychology**, v. 53, p. 109–132, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135153>.
- FLETCHER, D.; SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 5, p. 669–678, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2012.04.007>.

GERRING, J. What makes a concept good? A criterial framework for understanding concept formation in the social sciences. **Polity**, v. 31, n. 3, p. 357–393, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/3235246>.

GOERTZ, G. **Social science concepts**: a user's guide. Princeton: Princeton University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvc4gm4g.1>.

HEBB, D. O. Drives and the C.N.S. (Conceptual nervous system). **Psychological Review**, v. 62, n. 4, p. 243–254, 1955. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0041823>.

ISO-AHOLA, S. E.; DOTSON, C. O. Psychological momentum: why success breeds success. **Review of General Psychology**, v. 18, n. 1, p. 19–33, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0036406>.

LAZARUS, R. S. Toward better research on stress and coping. **American Psychologist**, v. 55, n. 6, p. 665–673, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.6.665>.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

LANG, P. J.; BRADLEY, M. M.; CUTHBERT, B. N. Motivated attention: affect, activation, and action. In: LANG, P. J.; SIMONS, R. F.; BALABAN, M. (ed.). **Attention and orienting**: sensory and motivational processes. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1997. p. 97–135.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 227–238, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>.

NICHOLLS, A. R.; POLMAN, R. C. J. Coping in sport: a systematic review. **Journal of Sports Sciences**, v. 25, n. 1, p. 11–31, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640410600630654>.

SCHUNK, D. H.; MEECE, J. L.; PINTRICH, P. R. **Motivation in education**: theory, research, and applications. 4. ed. Boston: Pearson, 2014.